



Grandma Moses / *Taking in the laundry* (1951).

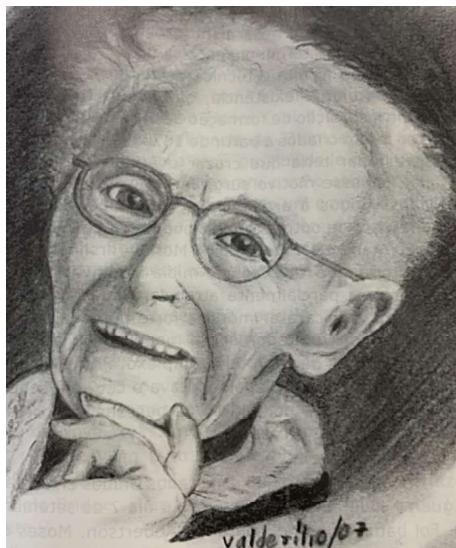
O NASCIMENTO DE UMA ARTISTA NA TERCEIRA IDADE

A arte popular de Grandma Moses

DR. VALDERILIO FEIJÓ AZEVEDO

"Se eu não começasse a pintar, criaria galinhas. Nunca ficaria numa cadeira de balanço esperando alguém me ajudar."

Anna Mary Moses (1860-1961) foi a pintora mais popular dos Estados Unidos e iniciou a pintar quando tinha aproximadamente 70 anos de idade! A Vovó Moses desenvolveu um quadro de artrite reumatoide muito dolorosa e incapacitante que praticamente a obrigou a desistir de sua curta jornada dedicada ao bordado e ao artesanato, duas expressões populares às quais tinha também grande prazer de realizar. Sua arte é considerada “arte primitiva”, ou arte *Naïve*, retratando principalmente paisagens rurais e bucólicas dos Estados Unidos da América.



ALGUNS PROGRAMAS
ESPECIALMENTE
DESENVOLVIDOS PARA
PACIENTES IDOSOS
REUMÁTICOS FORAM
INSPIRADOS NO
EXEMPLO DE GRANDMA
MOSES. ALÉM DE
AJUDAREM A MELHORAR
A AUTOESTIMA,
TAMBÉM FOMENTAM
AS HABILIDADES DE
COMUNICAÇÃO...

Antes do período renascentista não havia distinção entre arte popular e clássica. O conceito empregado para o que é uma pintura primitiva deriva da ausência de classificação formal e técnica de aprendizado por parte do artista para o seu desenvolvimento pictórico. Até o primeiro século de sua independência, os EUA não tinham instituições para fornecer formação clássica em artes. Era preciso atravessar o Atlântico e ir à Europa para receber educação artística adequada; é por isso que tantos artistas americanos foram associados à arte popular no século XIX¹.

Ao contrário de outros artistas folclóricos de seu tempo, como John Kane, Horace Pippin e Morris Hirshfield, Vovó Moses tornou-se famosa através do rádio, televisão e da imprensa, provavelmente devido à sua figura idosa, sua ternura, elevada moral e personalidade forte, características que misturam uma boa formação sociofamiliar e humanística aliada à grande experiência de vida obtida com a senescênci.

Suas pinturas em madeira exibem uma textura muito simples; no entanto, o conteúdo é complexo. Inicialmente pintava um fundo branco e depois o céu, as montanhas, a terra e, finalmente, as pessoas. As cores que ela usava sempre chamam a atenção do espectador por seu brilho extraordinário.

Moses passou a infância lidando com coisas simples associadas ao estilo de vida no campo. Na época de seu nascimento, muitas invenções modernas, tais como televisão, geladeiras e aviões, simplesmente não existiam. Vivendo em terras remotas do interior do seu país, Moses estava física e intelectualmente longe da vanguarda cultural de seu tempo¹.

Quando estava na casa dos 70 anos, período de início de sua artrite, sentia muita dor e incapacidade, o que tornava seu trabalho com agulhas praticamente impossível. A pedido sua irmã Celestia, começou a se interessar pela pintura. De fato, ela sempre se interessou por pintura e seu primeiro trabalho documentado foi datado de 1918.

Sobre sua enfermidade, Grandma Moses disse: "Eu costumava enrolar minhas mãos em lenços e deitá-las em uma cadeira ao lado da cama à noite. Eu não conseguia dormir por conta da dor, que era tal qual uma dor de dente. Então, uma noite eu fiquei desesperada, me levantei e fui procurar o livro do médico, *O Conselheiro de Família, Filosofia das Doenças* (uma espécie de obra leiga da época, sobre cuidados de saúde). A melhor receita era: 3 xícaras de doce de leite todos os dias, e de 3 a 5 gotas de terebintina. Tomei por uns três meses e, de repente, não senti mais dores, porém a dureza das articulações ficou"².

Suas pinturas foram descobertas por Louis J. Caldor, um colecionador de arte e engenheiro de Manhattan, quando foram expostas em uma vitrine na vila de Hoosick Falls, perto de sua casa. Três de suas pinturas foram incluídas em uma exposição de 1939 de arte popular contemporânea no Museu de Arte Moderna³. De fato, não houve grande repercussão daquela exposição. Entretanto, em 1940, Caldor organizou uma outra exposição com 35 obras de Grandma Moses na Ga-



Grandma Moses / Moving day on the farm (1951).

lerie St. Etienne, em Nova York, de propriedade de um famoso negociante de arte chamado Otto Kallir. A exposição foi denominada de "What a Farmwife Painting" e sua inauguração da exposição se deu em 9 de outubro de 1940³. A partir dela, Granda Moses ganhou notoriedade e fama em todo o país. Foi entrevistada diversas vezes na rádio e TV e recebeu honrarias de Estado do presidente Harry Truman, em 1949, que a agraciou com o prêmio *Women's National Press Club Award*.

Aos 100 anos, Moses ilustrou uma edição do livro *Night Before Christmas*, de Clement Moore, que foi publicado somente após sua morte, aos incríveis 101 anos de idade, em 13 de dezembro de 1961. Durante o último ano de sua vida, Moses pintou 25 quadros,

mostrando-se muito ativa em idade tão avançada.

Grandma Moses produziu mais de 1.600 obras. O conjunto de sua obra apresentou poucas mudanças durante sua vida e as últimas pinturas não apresentam diferenças essenciais em relação às primeiras⁴. Alguns programas especialmente desenvolvidos para pacientes idosos reumáticos foram inspirados no exemplo da Grandma Moses. Acredita-se que tais programas, além de ajudarem a melhorar a autoestima dos idosos, também fomentam as habilidades de comunicação, proporcionando um efeito terapêutico benéfico Trabalhar com arte popular em um ambiente que não exige um domínio completo de técnicas artísticas pode produzir um efeito benéfico em idosos de uma maneira geral. **¶**

REFERÊNCIAS

1. Kallir J. *Gradma Moses*. Nova Iorque: Harry N Abrams, 1997.
2. Presents for Grandma . Time, 28 de dezembro de 1953.
3. Reiff W. Bucolic visions of rural America. *Lancet* 2001;357:1809.
4. Wolf N. Creative arts activity in manually handicapped patients. *Rehabilitation* 1986;25:30–5.
5. Aissen-Crewetr M. Esthetic training of the elderly-with special reference to the therapeutic effects of pictorial creative activities. *Z Gerontol* 1987;20:314–76.
6. Azevedo VF. Working with folk arts may produce benefits to rheumatic patients:the case of Grandma Moses. *Rheumatology* 2008;47:1250.